

Eixo Capital



ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

O segredo dos superidosos

A Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação está desenvolvendo uma pesquisa que pode revolucionar a forma como a sociedade encara o envelhecimento. A ideia de idosos dependentes ou com problemas neuropsicológicos, sempre presente, excluiu um grupo especial: pessoas ativas, com grande reserva cognitiva, que continuam interagindo muito bem socialmente e contribuindo com os mais jovens em trocas intergeracionais, a partir de sua longa experiência de vida. O estudo do Sarah visa entender o funcionamento mental dos idosos com supercérebros e apontar os caminhos que os levaram a esse alto desempenho. São pessoas com 80 anos ou mais, às vezes com idade superior a 100 anos, que conservam alta performance neuropsicológica, grande capacidade de memória, planejamento, fluência verbal e expressão de linguagem. "Eles podem apresentar desempenho semelhante ou superior a de pessoas na faixa de 40 a 50 anos em testes neuropsicológicos. Os primeiros testes já começaram a ser realizados com um grupo de voluntários. Eles estão fazendo exames de neuroimagem e testes detalhados para ajudar a desvendar o funcionamento e a conectividade cerebral", explica a presidente da Rede Sarah, Lúcia Willadino Braga.



Rede Sarah/Divulgação

Envelhecimento do país bate recorde

Com o envelhecimento acelerado da população e a queda na taxa de natalidade, iniciativas como da Rede Sarah podem apontar caminhos que vão garantir vidas mais longas, com saúde e produtividade. O número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. De acordo com IBGE, há cerca de 22 milhões de idosos no país. No Censo 2010, essa faixa etária representava 7,4% de todos os moradores do país. Já em 2022, elas são 10,9%. Os dados foram divulgados em outubro passado.

Senhora e senhores das políticas afirmativas

Setenta projetos sobre cotas e políticas afirmativas tramitaram no Congresso neste primeiro ano de mandato dos parlamentares. Na avaliação de Jorge Mizael, sócio da Metapolítica Consultoria, esse número expressivo mostra um interesse dos deputados e senadores na busca por alternativas regulatórias para essas temáticas. O principal autor dessas propostas, contudo foi o Poder Executivo (8). Dentro do Legislativo, os mais atuantes foram: Hélio Lopes (PL/RJ) com 3 propostas, Aureo Ribeiro (SDD/RJ), 2; e João Daniel (PT/SE), 2. Além das propostas em tramitação e apresentadas em 2023, vale destacar a Lei nº 14.723, sancionada no último dia 13, que dispõe sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas. De autoria da deputada Maria do Rosário (PT/RS), o projeto tramitou pelo Congresso por quase três anos antes de virar lei.



A primeira ministra negra do STF pode ter a cara da Brasília democrática

O presidente Lula já disse que não levará em conta critérios de gênero ou cor na hora da escolha da pessoa que ocupará a vaga da ministra Rosa Weber no Supremo Tribunal Federal. Mas a pressão em torno da indicação de uma afrodescendente cresceu no mês da consciência negra. Em nova republicação da Carta Aberta ao presidente, a Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD), que indicou a jurista Vera Lúcia Santana Araújo à ocupação da vaga de Rosa Weber, coloca no cenário um nome que viveu ativamente em Brasília todo o processo de redemocratização do país. Desde a anistia política à defesa da representação pelo voto do Distrito Federal. Ela inclusive trabalhou na Câmara Legislativa na época da elaboração da Lei Orgânica. Com isso, a representatividade feminina, negra, reivindicada nacionalmente por amplos setores da sociedade, ganha especial relevância para a Capital da República, onde Vera fez toda sua trajetória profissional. "Recebo a indicação com orgulho e responsabilidade", disse.

Desfile pelo mês da Consciência Negra

A 18ª edição do Desfile de Beleza Negra (DBN) celebra o Mês da Consciência Negra na próxima sexta-feira, dia 24, na Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). O evento, idealizado por Dai Schmidt, produtora de moda e psicóloga, é um dos mais aguardados no calendário cultural de Brasília e conta com diversas novidades em sua nova edição, entre elas, o ator Jorge Guerreiro, novo diretor da marca.

Arquivo Pessoal



Ana Rayssa/CB/D.A.Press



"A inclusão das pessoas negras nos cargos da magistratura ainda é um desafio, apenas duas de cada cinco vagas reservadas para negros são preenchidas"

Antes e depois de se tornar juiz, o senhor já foi vítima de racismo?

Sempre, para além das violências verbais, há as que nos expurgam dos lugares demarcados para ser ocupados por representantes de outros grupos sociais. A persistente necessidade de demonstrar que tenho competência para ocupar as funções que exerce é uma forma de perceber a presença intensa do racismo no meu cotidiano.

As famílias negras, em geral, são famílias de origem humilde. O que foi fundamental para o senhor conseguir chegar onde chegou e construir uma carreira de sucesso?

A educação, ainda que muito precária, foi a única possibilidade para que eu tivesse mobilidade social. Já, se percebe como é fácil reduzir as

chances para a ascensão de pessoas negras, sucatear a educação.

Qual a sua avaliação sobre os 10 meses da lei que equiparou injúria racial a racismo?

Tenho uma avaliação muito positiva, simbolicamente o Estado brasileiro reconheceu a importância da dignidade das pessoas negras, vilipendiada por ações odiosas, até então tratadas como se desprovidas de importância. Resta agora o emprego de hermenêutica adequada para transformar as letras da lei em proteção adequada.

É um desafio enorme combater os crimes raciais na internet. Há estudos recentes mostrando que as mulheres são o principal alvo. O que já é feito para esse combate? O que mais pode ser feito?

É necessário que tenhamos melhores condições para identificar os agressores, isso depende de eficiente aparato estatal repressivo e marco legal, que crie exigências para que as plataformas colaborem mais efetivamente neste enfrentamento, seja banindo publicações com conteúdo odioso, seja contribuindo com as autoridades com a apuração dos fatos, em particular identificando os autores.

Hoje a população carcerária é 832 mil pessoas, sendo deste total 68,2% ou 561 mil são negros e 44,5%, ou pouco mais de 370 mil mil, são detentos provisórios, ou seja cumprem pena sem julgamento. Para muitos especialistas, esse quadro revela que o sistema carcerário "escancarou o racismo estrutural". Como o senhor avalia essa realidade

e quais são motivos que levam o Judiciário a postergar o julgamento, principalmente, dos negros?

Os números não nos permitem dizer outra coisa, há encarceramento em massa de pessoas negras. A seletividade penal racial se agravou com legislações que impuseram penas mais graves para os então concebidos crimes hediondos, fator importante para o fenômeno da explosão populacional no cárcere. Não conheço levantamento acerca da distinção de duração em decorrência do pertencimento racial. Há mais negros esperando por julgamentos porque há mais negros nas prisões.

Alguns pesquisadores da história das cotas no Brasil constatam que o sonho da educação para os filhos é um sonho antigo entre as famílias negras brasileiras. Nesse sentido, qual é a história do sonho de educação da sua família, pais, avós?

Meu pai era analfabeto. Era capataz de fazenda. O sonho dele era que eu estudasse para exercer a mesma função que a dele, mas fazendo o que ele não podia fazer, ler. O dia que eu li a primeira palavra para ele, com certeza, foi o dia mais importante da sua vida.

Durante sua graduação, como foi sua experiência como estudante negro no curso e nos estágios?

Eu tinha pouca consciência racial. Na faculdade, havia três pessoas negras. Não existia qualquer discussão sobre o assunto. Mas, eu nunca deixei de sentir às vezes que fui discriminado, a exemplo de uma vez em que o professor, ao discutir comigo sobre a matéria, disse que desejava saber "quem foi que cortou o rabo do macaco".

Michelle candidata

O ex-presidente Bolsonaro articula nos bastidores para consolidar o nome da sua esposa Michelle como candidata ao Senado em 2026, preferencialmente eleita pelo DF. Ceilandense, a ex-primeira-dama, sempre que pode, reforça em público sua paixão por Brasília. Foi aqui que ela conheceu o então deputado federal, por intermédio do colega Alberto Fraga, e daqui não pretende sair mais. Bolsonaro diz a interlocutores que, se depender dele, nem Michelle e nenhum dos seus quatro filhos disputarão qualquer governo estadual ou distrital. Ele teme que as críticas e perseguições à família se intensifiquem.

Humor engarrafado

A Argentina escolhe hoje seu novo governante. Os memes da primeira eleição da era da inteligência artificial satirizam que o eleitor decidirá entre Frankenstein e Drácula. Em Brasília, na quinta-feira, às 19h30, na tradicional degustação de vinhos da Embaixada Argentina, já se saberá para que lado sopra o minuano, o vento do Cone Sul que atinge o pampa argentino, se para direita ou esquerda.

Sebrae



Ed Alves/CB/D.A.Press



Progressistas brasileiros no Sebrae

Jamal Jorge Bittar, presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), assumirá a representação da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) no Conselho Deliberativo Nacional do Sebrae. Como vice-presidente da CNI para o Centro-Oeste, Jamal fará dobradinha com o presidente Ricardo Alban nos debates do órgão. Quando foi presidente do Conselho do Sebrae/DF, Jamal fez parceria no comando da instituição com o então superintendente regional Valdir Oliveira, de quem é amigo. A sintonia entre os dois vem de longa data, pois foi Jamal quem apadrinhou Valdir na indicação para Secretário de Desenvolvimento Econômico do governo Rollemberg. Ano passado, os dois declararam voto na chapa Lula/Alckmin, mostrando o alinhamento com a opção progressista na eleição. Agora, os dois se encontrarão no Sebrae Nacional, onde repetirão a parceria na defesa dos interesses do empreendedorismo brasileiro.

Tudo passa na RO

Depois do Palácio da Alvorada, a residência oficial mais visitada em Brasília por autoridades fica na QL 12 do Lago Sul. O anfitrião, presidente da Câmara dos Deputados; Arthur Lira, terá uma agenda ainda mais intensa esta semana. Reforma Tributária e a MP 1185, que trata da concessão de ICMS, são a prioridade dele depois de uns dias de recesso. Lira deve se encontrar com o relator da reforma, deputado Aguinaldo Ribeiro, antes de conversar com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Dois outros encontros decisivos serão mantidos a sete chaves...



À QUEIMA-ROUPA

ENTREVISTA FÁBIO ESTEVES / JUIZ DE DIREITO ATUANDO COMO JUIZ INSTRUTOR NO STF

O senhor criou o Encontro Nacional de Juizes e Juizas Negras, em 2016 e foi premiado por isso. Do primeiro evento, em 2016, até o encontro desta semana, o que o senhor destacaria? Há o que comemorar no quesito juizes e juizas negros no Brasil?

Há algumas realizações a comemorar: a circulação do debate racial no âmbito do Poder Judiciário; a formulação de políticas judiciárias de equidade racial pelo Conselho Nacional de Justiça; a introdução na formação dos magistrados da temática racial e a modificação das estruturas associativas para promoção da diversidade foram avanços importantes. No entanto, a inclusão das pessoas negras nos cargos da magistratura ainda é um desafio, apenas duas de cada cinco vagas reservadas para negros são preenchidas, sem mencionar que, em relação aos que entram, é preciso gerar pertencimento, desenvolvimento profissional e mudança da cultura organizacional.

Equidade racial é realizável? O que fazer para a sociedade abrir os olhos para essa realidade e desconstruir a cultura do racismo?

Sim, não há opção, precisamos